

CAETANO VELOSO

Trilha

Estou excursionando com Maria Gadú (não sei por que o acento agudo no nome dela, mas sei que ela é um talento autêntico), de modo que, desatento aos rumores do momento, tomei susto ao ouvir que eu estaria entre os assinantes covardes da petição que rola na internet com o título — em tom de ridículo brado — “Chico, devolve o Jabuti!”. Só não me decidi a expressar reação escandalosa porque li que o nome do próprio Chico (sim, Chico Buarque) está também incluído. A informação dada pelo blog da Companhia das Letras, que edita o meu colega, diz que por 17 vezes o prêmio de Livro do Ano já foi para livros que não estavam em primeiro lugar em sua categoria. (Para quem não sabe, o argumento contra o prêmio dado a Chico é que “Leite derramado”, ganhador como Livro do Ano, não tinha ficado em primeiro lugar entre os livros de ficção: os ganhadores de cada categoria são eleitos por um júri de especialistas e o Livro do Ano é escolhido por associados da Câmara Brasileira do Livro, que é quem criou o Jabuti.)

Li em outro lugar que essa discrepância entre melhor de uma categoria e Livro do Ano aconteceu três vezes. Seja como for, volto a chamar de covardes os que se expressam na internet sob outros nomes, como fiz quando vi a guerra eleitoral exacerbar essa mesquinha. É é no panorama mesquinho da guerra eleitoral que se inscreve ainda esse episódio. Não dá para saber se a motivação para a premiação nasceu dessa pequena política, mas é óbvio que a reação a ela vem daí e aí se esgota. Lê-se o Ronaldo Azevedo sobre o assunto e fica claro que não é de valores literários que se está tratando, mas de opor-se a um escritor que, sendo uma figura enormemente popular por causa de décadas de atividade como compositor de canções, pôs a força de sua imagem pública a serviço da candidatura do PT à presidência, quando a eleição desta se viu ameaçada pela renovação do embate no segundo turno.

Chico sempre foi apoiador do PT. Seu pai foi um dos fundadores do partido e sua mãe era entusiasta de Lula. Inimigo preferencial da censura na ditadura militar, Chico não encontrou senão motivos para firmar suas posições de esquerda — e sua desconfinção dos defensores da liberdade que fecham os olhos para a vista grossa feita pelas nações poderosas quando os desrespeitos aos direitos humanos são praticados por seus aliados estratégicos de ocasião. Sei que eu próprio estou por vezes sob exatamente esse tipo de suspeita. Mas faço minhas contas e chego a minhas conclusões pela minha própria cabeça, agindo e manifestando-me de acordo — e arcaando com as consequências, inclusive a possibilidade de a realidade me provar errado no médio ou no longo prazo. Não vejo o Brasil sem Chico apoiando Lula. Meu senso das proporções — que afinal é o que rege quem trabalha com formas artísticas, mesmo as mais bastardas — impede-me de ignorar a energia histórica que há em configurações assim. Portanto, vi esse manifesto na internet como mais uma Marcha da Família com Deus pela Liberdade expressando-se de forma verbal. Não vi meu nome entre os assinantes (não vi olhar a lista de pseudônimos das marchadeiras): apenas acreditei em quem me disse que ele estava lá. Indigna-me que brinquem assim com ele.

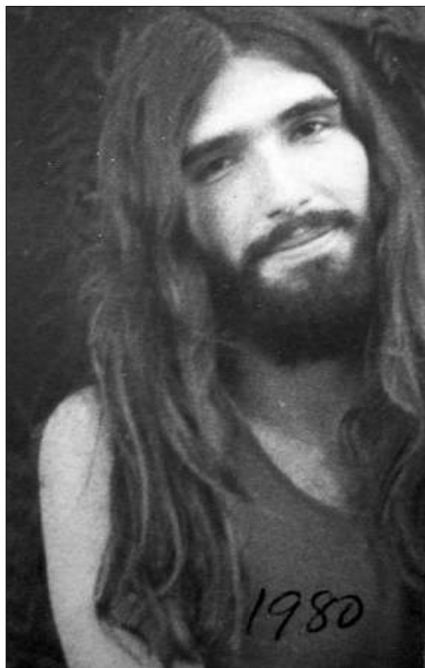
Meu pai ficaria tão revoltado quanto o pai de Chico.

Fiz questão de não votar em Dilma e de dizê-lo. Alegro-me por ter reagido duramente à arrogância eufórica de Lula durante a longuíssima campanha de sua candidata. E de nunca ter me submetido à pressão popular que quer fazer de Lula um pai eterno — nem à outra pressão, não propriamente popular, que faz do PT um representante das esquerdas e destas, uma posição religiosa dogmática. Detesto que me queiram confinar num ambiente mental que se excita com Chávez, se alimenta do sindicalismo operário e do corporativismo dos servidores públicos, indulge no ressentimento contra os Estados Unidos e desculpa o indesculpável no Irã. Mas menos ainda me identifico com reacionários carolas e grosseiros. Ou com defensores de privilégios assentados e indevidos.

Dilma é o melhor resultado das eleições, se pensarmos pragmaticamente. Serra não teria personalidade para enfrentar Lula como opositor. E Dilma está mais perto de Mangabeira. Quem sabe os planos ambiciosos deste para o Nordeste serão agora levados em consideração. E sua visão da questão amazônica. Não penso mais em Dilma como Dutra. Torço por ela. Torci até por Collor. Já consigo vê-la descolada de seu criador. Penso em como ela encarnará o destino que se desenha do Brasil. O Brasil está me parecendo um lugar ruim nesta semana de tardio recolhimento por parte do governo do estado do Rio da relação entre a criação das UPPs e as atos paraterroristas das facções criminosas (então Cabral e Beltrame não tinham nenhuma mirrada estratégica?). Vejo ainda longe a superação do horror que é haver pobres presos sem julgamento, prisioneiros provisórios jogados no lixo tóxico das prisões, essas heranças horribundas dos porões dos navios negreiros. Quando canto com a Gadú, ela com 23 e eu com 68 anos, sinto fisicamente a História. E, diante das amarguras da nossa vida, percebendo as plateias sentem a História na carne também, comovo-me. Quase desanimo. Mas gosto da vida e nasci aqui, fala português, sou mulato: minhas esperanças estão atadas à existência do Brasil. Nem mitos esquerdistas nem a retórica da reação que ele estava lá. Indigna-me que brinquem assim com ele.

Nem mitos esquerdistas nem a retórica da reação me desviam da trilha que vejo de onde estou

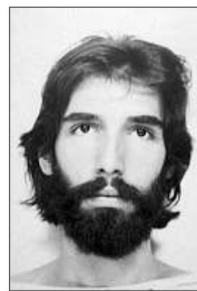
Vida, louca vida • Continuação da página 1



Reproduções

O PASSADO

PRESENTE: Lobão criança (nas fotos acima), em 1977, época do Vimana, sua banda com Ritchie e Lulu Santos (à direita), na fase Lobão e Os Ronaldos, nos anos 80 (abaixo), e “hippie retardatário”



Faço questão de não pertencer ao que se combinou chamar de anos 80. Sempre achei uma grande merda a produção daquelas bandinhas imitando Police e U2

A face louca da vida de Lobão está bem representada em ótimas histórias. Em quase todas, há um aguçado senso de humor, ora autodepreciativo (na infância e adolescência), ora sarcástico, ora negro. O fantasma da Aids nos anos 80 gera alguns desses momentos, como quando Cazuza — já na fase final da doença — se joga sobre uma menina que, viajando de ácido, se mostra sustentada com a imagem dele. Antes de deitar sobre a garota, ele tira uma pílula de AZT e propõe: “Hey, baby, vamos fazer um filhinho esta noite?”

Cazuza tem presença marcante no livro — Lobão narra o momento em que viu seu nome ao lado do amigo no Guia Michelin, no textinho que falava do Baixo Leblon (tinham virado atração turística). É uma forma de o autor dar o seu olhar sobre Cazuza, já que, como protestou várias vezes, ele não apareceu no filme sobre ele. Na biografia, eles estão juntos na cena de abertura, arrasados, estendendo fleiras de cocaína sobre o caixão de Júlio Barroso, o compositor, poeta, articulador cul-

tural e líder da Gang 90.

Apesar de, como Cazuza, Lobão ter surgido para o grande público nos anos 1980 — e muitas vezes ser identificado com certo espírito do período —, o artista rechaça qualquer proximidade com o que se convencionalmente chamar de geração 80: — Me considero um deslocado no tempo. De hippie retardatário nos anos 70 a um peixe fora d’água nos 80. Minha geração é ninguém e minha solidão é bem-vinda. Desde o prólogo deixo claro que o rock morreu com o Júlio Barroso, em 1984. Faço questão de não pertencer ao que se combinou chamar de anos 80. Sempre achei uma grande merda a produção daquelas bandinhas imitando Police e U2.

‘Conduta social desajustada’

Graças ao trabalho de pesquisa de Tognelli (“Me surpreendi ao saber de fatos que ignorava”, elogia Lobão), o livro traz dezenas de reportagens publicadas sobre o artista, além de compilar os acórdãos do Tribunal de Justiça do Rio, que desvendam o olhar da Justiça sobre o músico preso por usar drogas. Sobre cada acórdão, a data e um fragmento do texto, como “conduta social desajustada e personalidade malformada”.

— Minha vida é algo de improvável, beirando a ficção, e nada melhor do que fatos para afastar essa aura de improbabilidade. São documentos importantíssimos que desvendam os trâmites da Justiça, da imprensa, da classe artística, da indústria fonográfica, dos problemas da sociedade em ter de lidar com um “perigo social” (eu, né?) que tinha sido pego com... um galho de maconha — explica Lobão. — É meio esquisito eu contar que sofri mais de 130 processos, fui caçado como um criminoso por causa desse galho e não ter como provar esse absurdo. Que fui condenado como réu primário e sumariamente encarcerado numa viola-

ção da Constituição. Minha “evaporação” da vida do Cazuza... Afinal, isso é uma biografia, é história que fizeram o favor de colocar debaixo do tapete durante todos esses anos.

A morte permeia a biografia — cujo prólogo, lembrando, se passa num velório. Há os suicídios de seus pais, a partida de ídolos (o assassinato de John Lennon e seu impacto sobre o autor é lembrado) e amigos. E mesmo a sombra da morte presente na nefrose que fez o músico tomar remédios pesados dos 2 aos 12 anos: — Sim, a morte cada vez mais é minha íntima... Trata-se de uma senhora sensata.

Há uma narrativa sobre a morte especialmente curiosa, quando Lobão tenta se suicidar com álcool e comprimidos de Rivotril, antes do primeiro ensaio de um projeto que faria com os Arnaldos Brandão e Baptista. Os músicos chegam, o trio começa a tocar e só então ele apaga. Quando acorda, dias depois, numa UTI, descobre que o ex-Mutante ficou em pânico na hora, gritando “Eu sei o que é isso!” e saiu abalado. Lobão escreve: “Chegou em São Paulo e acabou internado!... Caiu de cabeça do quarto andar!... E não morreu!... Passei muitos anos imaginando ter sido eu o pivô do que aconteceria com o Arnaldo... Mas, felizmente, soube que não tinha nada a ver com aquela história...”

‘Galera da 11’ à base de Rivotril

O Rivotril é importante em outro momento. Quando estava preso na Polinter, Lobão propôs que seus colegas trocassem a droga usada ali (“Se no conforto do seu lar, ao dar uma cafungada, você já começa a suar em bicas, imagina uma cheiração debaixo de 50°C?”). Chegou umas caixas do tranquilizante e, devidamente drogados, todos dormiram um sono inédito num lugar em que ninguém apagava por mais de 30 minutos. “E foi dessa maneira que acabei me



Minha vida é algo que beira a ficção, e nada melhor do que fatos para afastar essa aura de improbabilidade. Afinal, isso é uma biografia, é história que colocaram debaixo do tapete

tornando uma espécie de síndico da cela”, conclui no livro. Ele dedicou a seus colegas da cela 11 “Vida bandida”, aberta com o chamado: “Aé galera da 11!”.

Sua relação com a música “genunamente” brasileira também é uma questão que atravessa a sua vida musical, desde que viu alguns ídolos numa passeata contra a guitarra. Ele conta que só conseguiu resolver esse nó (guitarra X brasilidade) na sua música há pouco tempo: — Foi quando fiz o “Canções dentro da noite escura” (de 2005), a melhor coisa que já produzi até hoje, ou a única que realmente valesse a pena. Falo em termos de produção do disco e não dos repertórios em si — diz Lobão, que lança duas músicas inéditas com o livro.

Nesses 50 anos cobertos pelo livro (escrito em oito meses), há portanto uma certa história da música popular brasileira, um testemunho de uma época intensa, reflexões sobre a criação morro X asfalto e lei X crime, um potente drama familiar. E sobretudo, na visão de Lobão, “uma história de amor louca, insólita, humana, demasiadamente humana, imprevisível, improvável, mas bem real”. ■

EXPEDIENTE

Editora: Isabel De Luca (ideluca@oglobo.com.br) • Editores assistentes: Bernardo Araujo (bbaraujo@oglobo.com.br), Fátima Sá (fatima.sa@oglobo.com.br) e Nani Rubin (nani@oglobo.com.br) • Fotografia: Leonardo Aversa (aversa@oglobo.com.br) • Diagramação: Cristina Fieger, Erica Wirth e Felipe Tavares (estagiário) de Lisboa • Cristiana Ruiz, de Berlim • Eduardo Levy, de Los Angeles

• Telefones/Redação: 2534-5703 • Publicidade: 2534-4310 (publicidade@oglobo.com.br) • Correspondência: Rua Ineu Maninho 35, 2º andar. CEP: 20233-900

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto	Francisco Besco	PELO MUNDO de Lisboa Cristina Ruiz, de Berlim	Hernando Viana	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso